

NARRATIVAS DE MEMÓRIA ORGANIZACIONAL: TEMPORALIDADES DA MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS

ORGANIZATION MEMORY NARRATIVES: TEMPORALITIES OF MINING IN MINAS GERAIS

NARRATIVAS DE MEMORIA ORGANIZACIONAL: TEMPORALIDADES DE LA MINERÍA EN MINAS GERAIS

Original recebido em: 19 de julho de 2024

Aceito para publicação em: 04 de setembro de 2024

Publicado em: 18 de novembro de 2024

Ives Teixeira Souza
Laura Nayara Pimenta
Viviane da Silva

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo.

RESUMO

Este texto objetiva compreender os entrelaçamentos temporais da atividade minerária em Minas Gerais nas narrativas de memória organizacional construídas por duas organizações: a AngloGold Ashanti e a Vale S.A. Para tanto, são analisados seus espaços de memória digitais para perceber como a mineração é abordada de modo a desvelar temporalidades nas narrativas das mineradoras. A análise parte da Hermenêutica Dialética das Narrativas, ao considerar, principalmente, a configuração da intriga. O *corpus* constitui-se dos elementos textuais dos sites do Centro de Memória AngloGold Ashanti e do Espaço Memória Vale S.A. Foi possível estabelecer que as narrativas de memórias organizacionais construídas vão ao encontro da “mineração do futuro”, com apelos em prol do desenvolvimento sustentável, em que particularidades dos territórios são pouco retomadas em forma de promessa.

Palavras-chave: Narrativa; Memória Organizacional; Mineração; Temporalidades.

ABSTRACT

This paper aims to understand the temporal intertwining of mining activity in Minas Gerais in the organizational memory narratives constructed by two organizations: AngloGold Ashanti and Vale S.A. To this end, their digital memory spaces are analyzed to understand how mining is approached to unveil temporalities in the mining companies' narratives. The analysis will be carried out using the Dialectic Hermeneutics of Narratives, when considering, mainly, the configuration of the intrigue. The corpus consists of textual elements from the websites of the Centro de Memória AngloGold Ashanti and Espaço Memória Vale S.A. It was possible to establish that the narratives of organizational memories constructed meet the “mining of the future”, with appeals in favor of sustainable development, in which particularities of the territories are rarely taken up in the form of the promise.

Keywords: Narrative; Organizational Memory; Mining; Temporalities.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo comprender el entrelazamiento temporal de la actividad minera en Minas Gerais en las narrativas de la memoria organizacional construidas por dos organizaciones: AngloGold Ashanti y Vale S.A. Para ello, se analizan sus espacios de memoria digital para comprender cómo se aborda la minería en un contexto para develar temporalidades. en las narrativas de las empresas mineras. El análisis parte de la Hermenéutica Dialéctica de las Narrativas, al considerar, principalmente, la configuración de la intriga. El corpus está compuesto por elementos textuales de los sitios web del Centro de Memória AngloGold Ashanti y Espaço Memória Vale S.A. Fue posible establecer que las narrativas de memorias organizacionales construidas atienden a la “minería del futuro”, con llamados a favor del desarrollo sustentable. en el que las particularidades de los territorios rara vez son recogidas en forma de promesa.

Palabras-clave: Narrativa; Memoria Organizacional; Minería; Temporalidades.

1. INTRODUÇÃO

A mineração é uma das atividades mais antigas da humanidade e moldou, ao longo do tempo, as paisagens socioculturais e históricas, influenciando o desenvolvimento de várias sociedades. Com vastas reservas minerais, o Brasil é um dos principais produtores globais de minério de ferro, ouro, alumínio e outros recursos minerais essenciais. Em Minas Gerais, território de intensa exploração, destacam-se três ciclos econômicos e sociais: do ouro, da terra e do ferro. São as vozes de Minas, “a voz do ouro fala sobretudo de liberdade, a voz da terra de tradição, a voz do ferro, de progresso” (Carvalho, 2005, p. 55).

Nesta Minas do ouro, “mineradora, urbana, caótica, rebelde. A Minas do sonho e da liberdade” (Carvalho, 2005, p. 56), em 1834, foi criada a Saint John d’El Rey Mining Company, em Nova Lima (MG), por investidores ingleses. Seu objetivo era extrair ouro da região do quadrilátero ferrífero mineiro. A organização foi uma das precursoras das operações minerárias em Minas Gerais, e que, mais tarde, após diversas incorporações, tornou-se a AngloGold Ashanti (AGA). No Brasil, suas principais operações incluem as minas de Cuiabá, em Sabará, e Córrego do Sítio, em Santa Bárbara, ambas localizadas em Minas Gerais e conhecidas por sua alta produtividade e contribuição à produção global da empresa. Em seu site¹, a AGA postula que seu propósito é fazer “Mineração para desenvolver pessoas e a sociedade”. Para tanto, ancora-se em valores como segurança, respeito, integridade, sustentabilidade, excelência e colaboração.

Outra importante protagonista no cenário da mineração de Minas Gerais e do Brasil é a Vale S.A. Fundada em 1942 na cidade de Itabira (MG) pelo Estado brasileiro, a Companhia

¹ Disponível em: <https://www.anglogoldashanti.com.br/sobre/missao-visao-e-valores/>

Vale do Rio Doce (CVRD), como era denominada, visava aproveitar os vastos recursos minerais do país, especialmente o minério de ferro. A criação da empresa integrava um esforço para industrializar o Brasil e reduzir sua dependência de importações. Em 1997 a CVRD foi privatizada, sendo vendida para um consórcio liderado pela Companhia Siderúrgica Nacional e por investidores internacionais. Na década de 2000, a empresa adotou o nome Vale e passou por uma série de aquisições internacionais significativas. A Vale está presente em 18 países e no Brasil extrai minério de ferro em três estados: Minas Gerais, Pará e Mato Grosso do Sul, sendo que Minas Gerais é responsável por 53% da produção total (Vale, 2023).

Ressalta-se que, em 5 de novembro de 2015, ocorreu o rompimento da barragem de rejeitos de mineração de Fundão, em Mariana (MG), operada pela Samarco, *joint venture* com 50% de participação da Vale e 50% de participação da BHP, deixando dezenove mortos e impactando drasticamente pelo menos 39 municípios em dois estados (Minas Gerais e Espírito Santo). Em 25 de janeiro de 2019, mais uma barragem rompeu, a barragem B1 da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), operada integralmente pela Vale. Os rejeitos da mineração destruíram parte da mineradora e seus arredores, matando mais de 270 pessoas (grande parte trabalhadores da empresa) e causando danos socioambientais irreparáveis ao longo da bacia do Rio Paraopeba. Em seu Relato Integrado de 2023 (Vale, 2023), a empresa postula seu propósito da seguinte forma: “Existimos para melhorar a vida e transformar o futuro. Juntos”. Tal propósito é embasado por valores como “A vida em primeiro lugar”; “Agir com integridade”; “Valorizar quem faz a nossa empresa”; “Fazer acontecer” e “Respeitar nosso planeta e as comunidades”.

Diante de divergências entre os valores colocados em público pelas organizações com os acontecimentos em Minas, a relevância da proposta considera perceber como a memória organizacional das mineradoras atuam nas narrativas sobre as práticas de mineração. Por isso, pela importância da mineração no território mineiro, este trabalho objetiva identificar os entrelaçamentos temporais sobre a atividade minerária no estado e as narrativas de memória organizacional construídas pela AGA e a Vale S.A. A escolha se dá pela relevância delas na história da mineração no Estado e no Brasil. Para tanto, são analisados seus espaços de memória digitais para perceber como a mineração é abordada de modo a desvelar temporalidades nas narrativas das mineradoras. A análise é inspirada na Hermenêutica Dialética das Narrativas (Rodrigues, 2022), considerando, principalmente, a configuração da intriga. O *corpus* constitui-se dos elementos textuais dos sites do Centro de Memória AngloGold Ashanti e do Espaço Memória Vale S.A.

Assim, serão apresentados alguns conceitos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho: memória organizacional — ferramenta comunicacional estabelecida pelas organizações mineradoras — e o conceito de narrativa, a partir de Paul Ricœur. Na sequência, as análises indicam pistas sobre as relações temporais e a possibilidade de uma narrativa de memória organizacional que busca características de uma mineração voltada ao futuro.

2. MEMÓRIA ORGANIZACIONAL E NARRATIVA

As tensões entre os conceitos de memória organizacional, comunicação e narrativa são exploradas por Andreoni e Scroferneker (2020) a partir de uma perspectiva crítica. Para elas, a memória organizacional é entendida como “vontade de memória”, de modo a ser uma celebração de determinada memória histórica: “Podemos observar, também, a memória organizacional associada às intenções de legitimação, identificações, divulgação, marketing, além de questões relacionadas à gestão de informações e conhecimento” (Andreoni e Scroferneker, 2020, p. 170). Muitas vezes compreendida enquanto uma ferramenta, um instrumento comunicacional, ela é “uma proposta de homogeneização, de construção/formação de pluralidades, em um empenho de configurar narrativas que evidenciem os significados propostos pela organização” (idem, p. 171).

Distante de ser uma narrativa histórica, capaz de exigir processo metodológico de verificação, a memória organizacional opera e divulga, para as autoras, narrativas memorialísticas representacionais, em que o passado é linear e emotivo, e cuja empatia é a pretensão junto aos públicos de tramas em prol de legitimidade. Elas reforçam que o recurso de cristalizar memórias em narrativas, apesar de priorizar o paradigma informacional da comunicação, funciona na possibilidade de perceber as construções de sentidos das memórias pelas relações entre os sujeitos, os públicos e as organizações, ou seja, considera certa espontaneidade no processo comunicacional. Em outras palavras,

A memória organizacional vem se limitando ao papel de produtora de narrativas representacionais, sendo a memória uma dimensão de estetização da abordagem comunicacional, pensada e tratada, muitas vezes, de maneira simplista e instrumental, apenas como um canal de transmissão. Ressalvamos que a memória organizacional [...] pode se constituir em “lugares de memória”, na perspectiva que propõe Nora (1993), ao se abrir às criticidades, ao diálogo, em detrimento da representação de uma história totêmica, para além da produção de narrativas representacionais (Andreoni e Scroferneker, 2020, p. 174-175).

Então, seria a comunicação organizacional, por meio da memória da organização, uma articuladora de narrativas a partir de registros históricos e memorialísticos na distensão de

diferentes extratos temporais em suas dimensões críticas e éticas. Como nos faz perceber Andreoni (2017), a partir de Paul Ricœur (2007), a memória tem suas vulnerabilidades, exercida, por exemplo, “entre a ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação. Nesse sentido, destaca-se o aspecto de uma memória requisitada, trabalhada e exercitada” (Andreoni, 2017, p. 48), de modo a possibilitar a reivindicação de uma identidade apenas inserida na narrativa.

Longe de ser um gênero de texto, narrativa aqui, portanto, é entendida enquanto condição humana de experiência no tempo. Pelo paradoxo da experiência do tempo discutida por Santo Agostinho e pela tessitura da intriga proposta por Aristóteles, o pensador francês Paul Ricœur (1913–2005) visa articular a narrativa enquanto forma de produção de uma síntese temporal provisória. Para ele, o tempo torna-se humano na medida que articulado com a narrativa e a narrativa se articula somente em sua relação temporal.

A partir de Agostinho, Ricœur (1994) retoma que o tempo pode ser entendido tanto por meio de uma dimensão positiva (em que o tempo é) quanto por meio de um presente que não permanece enquanto o futuro ainda não chegou. É um presente que não está fixado, ao contrário, possibilita o movimento temporal: em que há o presente do passado (memória), presente do presente (em que o corpo da ação encena) e o presente do futuro (a espera). São essas impressões na alma (memória, atenção e espera) provocadas por essas distensões do tempo que permitem a nossa apreensão do tempo enquanto humanos. E, para tanto, a solução é a concordância da narrativa, dada pela intriga. A partir de Poética, de Aristóteles,

A intriga enquanto produção de uma trama não deve ser confundida como uma estrutura fixa, mas como uma operação que integra elementos dispersos e produz uma identidade dinâmica para uma história narrada. Significa, ao mesmo tempo, uma história imaginária (singular e única) e uma integração a outros fluxos narrativos (Jácome, 2020, p. 94).

É esse tecer da intriga que permite a organização do tempo de modo inteligível, mas nunca definitivamente. Portanto, o narrar permite o provisório das relações que se dão no mundo e, nesse compor de intrigas, a narrativa passa a ser a produção e a circulação de sentido no mundo pelas propostas de heterogêneos possíveis. Em outras palavras, ao ter sua historicidade, a narrativa, diante do tempo em sua aporia, é a estratégia para acessar a condição humana de experienciar o tempo. Também, ao retomar Aristóteles, Ricœur (1994) formula o espiral hermenêutico da tríplice mimese, capaz de possibilitar a cultura presente anterior à narração e o processo ativo da ação.

Os três momentos de mimese, segundo Ricœur (1994), permitem a possibilidade de não se saber como começa ou termina a narrativa. A *mimese 1* é o mundo pré-figurado (são os padrões culturais estabelecidos) — é a narrativa em sua dimensão ética na possibilidade de transformação do mundo pela representação do real. Na passagem para a *mimese 2* está a tessitura da intriga (do mundo pré para o figurado). Portanto, a *mimese 2* é a dimensão poética de configuração de outra síntese do heterogêneo, é o agir da narração com a integração cultural formando outras intrigas. A passagem para a *mimese 3* pode ser entendida como a possibilidade de refiguração da narrativa, que permite a concordância na discordância diante dos mundos. Assim, ela é a dimensão estética, é a relação de interlocução com as experiências possíveis (como persuasão e emoção).

A tríplice mimese nos coloca em condição de pensar a narrativa pela perspectiva comunicacional. E, inclusive, permite que a gente se situe, enquanto pesquisadores, em nossas próprias condições temporais de formulação de narrativas sobre as memórias organizacionais das mineradoras. Para tanto, nos inspiramos no que Rodrigues (2022) chamou de Hermenêutica Dialética das Narrativas (HDN), cuja materialidade é a escrita. Neste esquema de interpretação da narrativa, são sugeridas cinco mediações, formuladas pela autora, que conformam a tessitura da intriga: referencialidade, comunicabilidade, compreensão de si, esquematização e tradicionalidade.

Enquanto a compreensão do texto é mediada por sua capacidade referencial, comunicativa e de autocompreensão, a interação entre os espaços de produção de sentido (mundo do texto e mundo do leitor) se efetiva a partir das categorias de esquematização e de tradicionalidade do texto. Todos esses elementos se articulam dentro da configuração narrativa costurada através de um fio condutor que chamamos de tecer da intriga, esta última materializada em acontecimentos que dão o tom da narrativa (Rodrigues, 2022, p. 159).

De maneira objetiva, a referencialidade diz sobre a cultura e a criação de mundos possíveis descritos; a comunicabilidade corresponde às experiências aos públicos; a compreensão de si diz sobre a necessidade de construção de identidade sobre si; a esquematização compreende dada estrutura formal dos elementos; e a tradicionalidade dá conta de passados a serem rememorados em forma de tradição. A seguir, as análises buscam situar as mineradoras no contexto de Minas Gerais e em suas formas de ações a partir das referências citadas anteriormente.

3. MEMÓRIAS E SUAS TEMPORALIDADES

É preciso estabelecer, a partir da base ricœuriana, que o movimento a seguir é entendido como uma narrativa dos pesquisadores sobre as memórias organizacionais da AngloGold Ashanti e da Vale S. A. A análise é outra narração que se estabelece a partir do que foi desenvolvido pelas organizações. Assim, valendo-se da análise de conteúdo para contemplar tanto a objetividade dos textos quanto a subjetividade dos pesquisadores (Neuendorf, 2017; Maia, Hauber e Paula 2022) e para poder operacionalizar a HDN, inicialmente realizou-se uma leitura prévia exploratória das páginas do Centro de Memória AngloGold e do Espaço Memória Vale visando construir estratégias analíticas sobre o material. Além da definição da amostra, definiram-se as unidades de análise (cada caixa de texto das linhas do tempo e cada imagem), as categorias analíticas (as cinco mediações que conformam a intriga) e realizou-se a análise e a interpretação dos dados, conforme se pode observar nas próximas subseções.

3.1. Centro de Memória AngloGold Ashanti

A AGA apresenta em duas páginas do seu site um projeto de memória que retoma sua chegada em Minas Gerais e as contribuições na área da mineração: o *tour* virtual 360° do Centro de Memória AngloGold Ashanti², antiga moradia do superintendente da mina Morro Velho (Nova Lima-MG), George Chalmers, entre 1884 e 1924, e que em 1994 tornou-se museu, e a linha do tempo³ que traça os momentos da organização no contexto da mineração. O Centro, principal fonte de informação, abriga em torno de 36.000 itens, entre eles: objetos, livros, fotos e documentos (Anglogold, s.d., s/n). Embora não haja detalhes sobre a curadoria responsável pelo projeto, o texto ao final da linha do tempo reforça que é uma pequena parte da história construída por todos. “Caminharemos, juntos, em busca de novas conquistas para seguirmos com a construção da nossa linha do tempo” (Anglogold, s.d., s/n).

A utilização da palavra “juntos” divide com diversos públicos a autoria e a responsabilidade da memória da empresa sem, no entanto, declarar quem são esses públicos e como eles podem ter contribuído para a escrita da história da AGA. O protagonismo da extração de ouro em Minas Gerais e de Goiás é atribuído às várias incorporações da empresa e à figura de George Chalmers. Ao considerar a totalidade dos elementos presentes no site da AGA, o objetivo foi identificar o modo como se deu esse processo narrativo.

² Disponível em: <https://my360.com.br/3d-model/centro-de-memoria-anglo-gold-ashanti/fullscreen/>

³ Disponível em: <https://www.anglogoldashanti.com.br/sobre/linha-do-tempo/>

a) *Referencialidade* - A AGA em sua linha do tempo aciona diversos fatos para identificar a organização e evidenciar a sua posição atual, como lugares e datas, apresentados junto a fotografias ilustrativas. Por exemplo, em 1904, a foto e o texto apresentam a Hidroelétrica Rio de Peixe, responsável por 13% da energia consumida pela empresa e, em 2019, a fotografia dos funcionários e o texto apresentam os resultados financeiros: “A Mina Cuiabá atinge a meta de 6 milhões de onças produzidas desde o início das suas operações.” (Anglogold, s.d., s/n).

Um fato mencionado que foge do caráter positivo da linha é a descrição do deslizamento de uma mina, em 1886, como um grave evento. No entanto, não é feita qualquer outra menção ou diálogo com a responsabilidade do setor quanto aos impactos e aos riscos da atividade minerária. A ausência de informações sobre os impactos da mineração é mais evidente no tour virtual, pois, na Sala de Mineração, que tem uma representação visual da Mina de Morro Velho, não existe caixa de texto explicativa sobre o desmoronamento (Figura 1).



Figura 1 – Sala de Mineração. Fonte: *Tour Virtual* do Centro de Memória AngloGold Ashanti.

b) *Comunicabilidade* - A linha do tempo é vertical e com poucos elementos, tanto de texto quanto de imagem, permitindo uma leitura dinâmica e rápida. Cabe ao Centro de Memória proporcionar uma experiência que escapa do aspecto organizacional, permitindo um passeio pelas salas do museu, com informações como: a caixa de música antiga e bela da sala de estar ou o jogo de louça apresentado pela Seleção Inglesa em 1950 da sala de jantar.

Destaca-se a menção da criação do Centro de Educação Ambiental (CEA). Apesar de curta, a menção à reserva particular e às ações educacionais para preservação do meio ambiente cumprem objetivo importante de prestar contas publicamente sobre a responsabilidade social (Environmental, Social and Governance - ESG) de organizações como AGA, para provarem

que estão preocupadas com a preservação do meio ambiente e seu impacto social. Desse modo, a linha do tempo adquire centralidade na comunicação organizacional da AGA ao mapear pontos relevantes e informativos, posicionando a AGA e a sua importância. Portanto, é no processo de mediação da linguagem e na operacionalização da narrativa que se evidenciam determinadas escolhas que compõem esses textos factuais.

c) *Compreensão de si* - A tentativa de integração temporal da AGA é facilmente identificada na linha do tempo, pelo modo como a narrativa expõe que os eventos do passado contribuíram para o atual patamar da organização. Enquanto isso, o Centro de Memória enfatiza os equipamentos de mineração que fizeram parte do trabalho na mina e os elementos cotidianos da moradia do George Chalmers. Na linha, o trabalho de 40 anos do superintendente, iniciado em 1884, é enfatizado como uma revolução dos processos industriais e do sistema de trabalho que impactam até nos dias atuais. Já no Centro de Memória, a grandeza do trabalho dele é mostrada pelo totem com sua figura, em tamanho real, e uma fotografia grande em frente à entrada da mina, na Sala Inicial (Figura 2).



Figura 2 – George Chalmers na Sala Inicial. Fonte: *Tour Virtual do Centro de Memória AngloGold Ashanti*.

Assim, a ideia de reinvenção e renovação presente na narrativa pode ser compreendida como uma forma de construir uma história coerente com os valores e a missão divulgados pela empresa: “Afinal, nosso respeito e responsabilidade tanto organizacional quanto individual refletem não só a cultura, como a integridade corporativa no meio” (Anglogold, s.d., s/n). O esforço de cumprir a agenda ambiental e social estão presentes neste projeto.

Os trabalhadores, no entanto, ficam invisíveis nos mais de 100 anos da empresa, não ocorrendo nenhuma menção significativa. Somente a partir da data de 2016 são colocadas fotografias de funcionários na linha e desconhecemos detalhes sobre outras gestões e figuras

importantes além de George Chalmers. A narrativa da AGA coloca o superintendente como a personificação da empresa, é a sua história e os valores que representam o corpo de trabalhadores da organização.

d) *Esquematização* - A linearidade temporal é uma ferramenta de organização da narrativa, que se inicia na chegada da Saint John del Rey Mining Company no Brasil, no século XIX. Na linha do tempo, notamos uma aba lateral para algumas datas que destacam as incorporações, as aquisições de plantas e as mudanças nas operações, deixando em segundo plano informações sobre o passado da casa que abrigava o centro administrativo e sobre o desabamento da mina, por exemplo.

e) *Tradicionalidade* - A AGA visa se firmar como parte importante da história da mineração no país, principalmente, na extração de ouro. Ao iniciar a linha do tempo é afirmado que é “a indústria mais longeva do Brasil”. Detidamente, em Minas Gerais, sua extensão provocou profundas mudanças na infraestrutura e no modo de vida dos trabalhadores das regiões de Barão de Cocais, Caeté, Nova Lima, Raposos, Sabará e Santa Bárbara. Focar nas mudanças organizacionais ou nos objetos que compunham a rotina de trabalho é uma estratégia de não apresentar com mais detalhes e ênfase as consequências da operação na vida e na saúde dos trabalhadores e dos moradores locais. Além disso, a narrativa linear deixa de apresentar o contexto de escravidão que o Brasil vivia quando a empresa se instalou e que seus anos iniciais de operação contaram com o trabalho de escravizados.

De modo geral, o projeto de memória da AGA busca uma afirmação nacional e global, carecendo de elementos que contribuam para uma identificação com os lugares onde se estabeleceu, principalmente, em território mineiro. A empresa reconhece que a página é “uma pequena parte da nossa história”, o que implica, novamente, na compreensão que as narrativas promovem recortes estratégicos ao buscar firmar uma autoridade na exploração de ouro no país. Nesses recortes, a territorialidade é um elemento invisibilizado, ao descolar da realidade mineira as consequências nos mais de 100 anos de operações da AGA.

3.2. Espaço Memória Vale: “Tudo começa em Itabira”

O projeto do Espaço Memória (EM) nasceu em 2011, durante a produção do livro “Nossa História” e do filme de mesmo nome, que foram criados para celebrar os 70 anos da Vale. Ao aprofundar a pesquisa para a construção dos materiais, a empresa descobriu diversos documentos de relevância histórica. O resgate e a proteção desse acervo foram justificados pela Vale para fins de narrativa da trajetória da mineração no Brasil.

“O Espaço Memória é uma iniciativa que tem o objetivo de reunir, organizar, conservar e disseminar a nossa história, presente tanto em documentos como na memória das pessoas”, afirma a Vale na apresentação de seu espaço. A empresa também ressalta que “com a preservação do nosso patrimônio cultural, pretendemos promover o diálogo com a sociedade e transformar a empresa em uma fonte de conhecimento e aprendizado”. Mas, afinal, em que se constitui de fato o EM?

O EM é um site⁴ hospedado no site geral da Vale (Figura 3), em que, por meio do botão de rolagem do *mouse*, é possível navegar por uma linha do tempo interativa, que se inicia em 1904 e vai até 2020. Tal linha é composta por textos, imagens de documentos e fotografias antigas, vídeos institucionais, botões de “Saiba mais” que dão acesso a mais textos e *links* para outras páginas. Além da navegação pela linha do tempo, é possível colocar um filtro por categorias pré-estabelecidas pela empresa: pioneirismo, sustentabilidade, tecnologia e inovação, curiosidades e pessoas. Também é possível acessar a galeria de presidentes da Vale, as mudanças sofridas por sua marca e como foi feito o processo de curadoria do acervo.

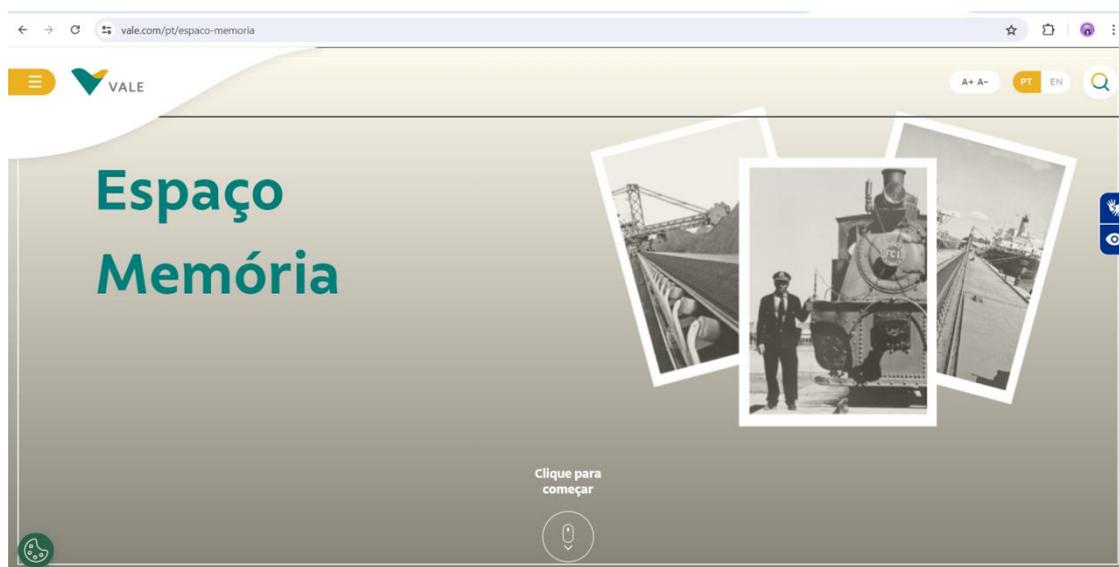


Figura 3 - Primeira página do site. Fonte: Espaço Memória Vale.

a) *Referencialidade* - Como a própria Vale afirma no site, “a história de uma empresa é o retrato da sua vivência, da sua experiência, dos seus aprendizados, ‘causos’ contados pelas pessoas, das memórias individuais, dos sonhos de quem fez e faz parte de sua trajetória”. Na linha do tempo do EM, a história da Vale começa a ser contada em 1904, antes mesmo da fundação da empresa. Esse ponto de partida refere-se a quando uma das primeiras locomotivas

⁴ <https://vale.com/pt/espaco-memoria>

da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM) foi fabricada. A EFVM é uma das principais rotas de transporte de minério de ferro no Brasil. Ao relacionar sua história com a história dessa ferrovia, a Vale também está narrando sua memória como a própria memória da mineração em Minas Gerais.

Outros elementos importantes também podem ser ressaltados, como, por exemplo, o papel que a empresa teve no fornecimento de minério para a Segunda Guerra Mundial; a abertura do seu capital; a criação da sua Reserva Natural e do Parque Zoobotânico; sua privatização; seus diversos avanços tecnológicos no decorrer dos anos; suas diversas ações de responsabilidade socioambiental e cultural. Além disso, é mencionado o registro do rompimento da Barragem 1 da Mina de Córrego do Feijão.

b) Comunicabilidade - Do ponto de vista das representações simbólicas e dos valores que a empresa pretende comunicar, ainda que a organização mencione, em sua linha no tempo, o rompimento da barragem, sem maiores detalhes, a Vale tece uma narrativa baseada nas conquistas prestigiosas e inovadoras, sustentáveis e socialmente responsáveis. Um dos textos chama a atenção nesse sentido: “A Reserva Natural Vale é fundada em 1951, em um momento em que a preocupação com a preservação do meio ambiente era pouco disseminada”. A responsabilidade ambiental é colocada como pioneira e tradicional, trazendo elementos pretéritos para reforçar sua identidade presente.

Assim, a narrativa não apenas transmite informações, mas também ressoa com as experiências e as expectativas dos públicos. Os vários fatos históricos que a Vale intencionalmente destaca comunicam aos seus públicos valores como compromisso, tradição, relevância histórica, transformação e crescimento, inovação, sustentabilidade e inclusão. Ademais, ao destacar o emblemático rompimento da Barragem 1 e afirmar que tal acontecimento “marca para sempre a história da Vale, de seus empregados e das comunidades e pessoas impactadas”, a empresa assume sua responsabilidade e ressalta seu compromisso com a reparação, ainda que saibamos que isso é uma questão judicial.

c) Compreensão de si - Cada elemento narrativo destacado pela Vale no EM contribui para a construção de uma identidade corporativa complexa. Essa narrativa não apenas comunica fatos, mas também molda a compreensão da Vale sobre quem ela é e como se posiciona no mundo. O reforço narrativo de que a empresa é preocupada com o meio ambiente, com o planeta, com a cultura e com a sociedade é recorrente (Figura 4). É como se, no decorrer dos mais de 115 anos contados na sua linha do tempo, a empresa sempre afirmasse “Sou sustentável”, contrariando a própria essência da atividade minerária.



Figura 4 - Compromisso com a Sustentabilidade. Fonte: Espaço Memória Vale.

d) *Esquematização* - A Vale recorre à linearidade temporal dos fatos históricos para construir sua narrativa e facilitar a compreensão dos seus públicos. Quando ela retrocede a anos antes da sua própria fundação na narrativa, vincula a dependência de sua criação ao desenvolvimento da mineração no país e como ela, posteriormente, é fundamental para esse próprio desenvolvimento. Fazer essa recuperação histórica permite que os públicos compreendam a importância da fundação da empresa e a sua tradição, suas raízes profundamente mineiras.

A narrativa da Vale estabelece um ponto de partida histórico e geográfico e se esquematiza em torno do progresso, da industrialização e da sustentabilidade, destacando a importância da Vale desde seu início. A empresa faz questão de ratificar sua postura social e ambientalmente responsável e de rememorar que ela foi pioneira nesse sentido no Brasil, vide a fundação da sua Reserva Natural na década de 1950. Toda essa base histórica é reinterpretada para sublinhar a importância da Vale no desenvolvimento econômico e industrial do Brasil, conectando o presente, o passado e o futuro de maneira significativa.

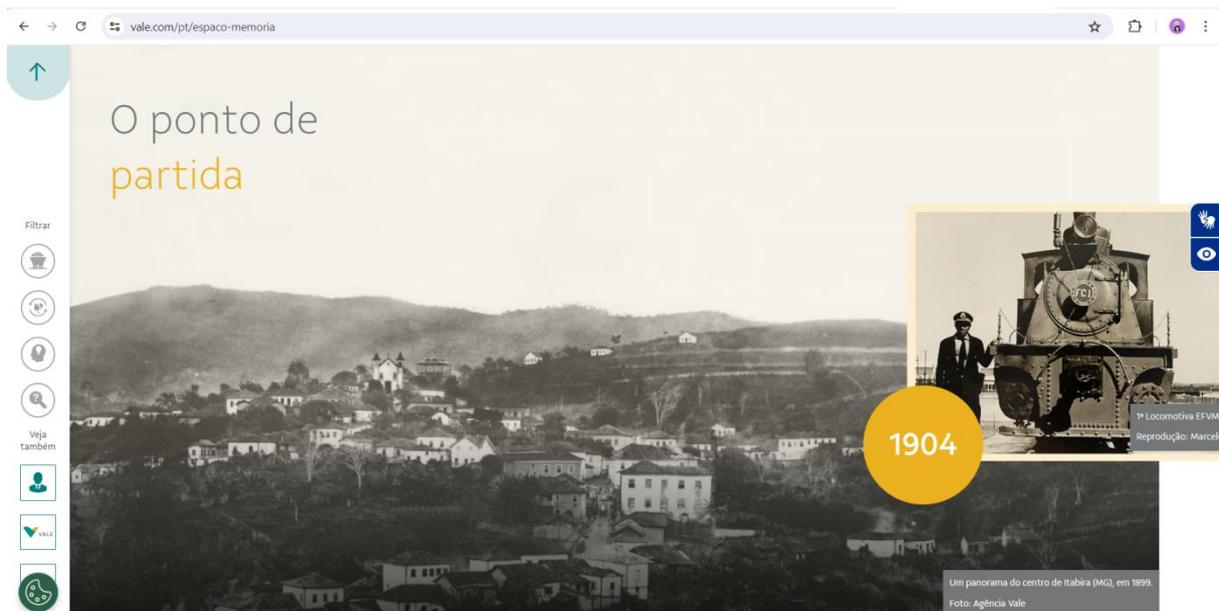


Figura 5 - Ponto de partida da linha do tempo. Fonte: Espaço Memória Vale.

e) *Tradicionalidade* - Interessante observar, também, que o trem e a linha de ferro perpassam toda a história da Vale (Figura 5). O trem não é apenas um meio de transporte, mas também um elemento cultural significativo para os mineiros. A viagem de trem é muitas vezes associada a histórias e memórias afetivas. Em diversas localidades de Minas, o trem ainda é celebrado em festivais e eventos culturais que relembram a importância das ferrovias na construção da identidade local. Parece que a empresa aciona esse elemento que é tão representativo para criar uma ideia de origem, de pertencimento. Afinal, a empresa nasceu em terras mineiras, mais especificamente no município de Itabira.

Por certo, apesar das limitações das análises, as narrativas das duas empresas corroboram com Henriques, Oliveira e Lima (2020, p. 11): “estas formas mais sutis são compostas de maneira a moldar e propor elementos para o imaginário, ou seja, para influenciar e guiar as representações acerca da indústria da mineração”. As organizações minerárias tentam se posicionar enquanto engajadas para o desenvolvimento social, econômico e ambiental por uma narrativa de uma “mineração do futuro”, de modo a legitimar atores que agem com as mineradoras em seus grupos de interesse, “como uma remodelagem dessa indústria que se apresenta com nova força e em novos termos” (Henriques; Oliveira; Lima, 2020, p. 10).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve o objetivo de identificar os entrelaçamentos temporais sobre a atividade minerária no estado e as narrativas de memória organizacional construídas pela AGA e a Vale S.A. A mineração impacta os territórios em sua economia, em sua cartografia, nas estruturas

econômicas e, também, consequências estão presentes pelas experiências dos corpos em ação nestes territórios minerados. Porém, as narrativas de memória organizacional dessas mineradoras reivindicam suas contribuições para a mineração e para o desenvolvimento econômico e social de Minas Gerais e do Brasil.

Elas destacam conquistas e inovações enquanto minimizam ou omitem conflitos e impactos negativos no território. A AGA, por meio de seu Centro de Memória, enfatiza conquistas operacionais e financeiras e retoma a rotina por meio de objetos do cotidiano, mas com pouca ênfase na participação e no impacto dos trabalhadores ou na relação com as comunidades locais. Por outro lado, a narrativa da Vale é rica em detalhes, incluindo textos, fotos, vídeos e documentos, e se preocupa em apresentar a empresa como pioneira em responsabilidade socioambiental e inovação tecnológica. A Vale reconhece marcos históricos importantes e acontecimentos críticos, como o rompimento da barragem em Brumadinho, mas a narrativa busca reforçar a imagem da organização como sustentável e socialmente responsável. Esse entrelaçamento temporal mostra que, valendo-se da mineração do futuro (Henriques; Oliveira; Lima, 2020), criou-se uma necessidade de fazer com que a mineração seja quase completamente desvinculada da experiência concreta dada em determinados territórios. Ao construir uma narrativa global em prol do desenvolvimento sustentável e de direitos humanos, principalmente, pelas cobranças sociais após as consequências dos rompimentos das barragens em Mariana e Brumadinho e demais danos cotidianos ocasionados pela atividade minerária.

Por isso, é perceptível a estratégia de comunicação das empresas de mineração, não somente das diretamente envolvidas em crimes (admitidos por meio de acordos⁵ por elas próprias), como a Vale S.A., de mostrar suas relevâncias na construção e no desenvolvimento das cidades onde atuam. Portanto, a mineração do futuro pressupõe, na esfera local, memória ao ter a necessidade de construir no presente, pelo passado em forma de ilusão, uma promessa — o que é realizado pelas narrativas de memória organizacional das mineradoras.

REFERÊNCIAS

ANDREONI, R; SCROFERNEKER, C. M. A. **Comunicação e memória organizacional: para além da produção de narrativas representacionais**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 18, p. 166-176, 2020.

⁵A íntegra do acordo judicial assinado pela Vale S.A. para a reparação integral relativo ao rompimento de barragens em Brumadinho está disponível em: <https://encurtador.com.br/IEwAE>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ANDREONI, R. **Memória organizacional na comunicação organizacional: uma perspectiva crítica.** Revista Comunicologia (Brasília), v. 10, p. 35-53, 2017.

CARVALHO, J. M. **Ouro, terra e ferro: vozes de minas.** In: GOMES, Á. de C. (Org.). Minas e os fundamentos do Brasil moderno. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 55-78.

HENRIQUES, M. S.; OLIVEIRA, I. L.; LIMA, F. P. **Mineração do Futuro: o discurso da promessa.** Anais do 29º Congresso Anual da Compós. Campo Grande/MS. Campinas: Galoá, 2020.

JÁCOME, P. **Narrativas, direito ao tempo e vulnerabilidades.** In: MIRANDA, C. M.; SOUSA, M. E. de; CARVALHO, C. A. de; LAGE, L. R. (Org.). Vulnerabilidades, Narrativas e Identidades. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCom/UFMG, 2020, p. 91-108.

MAIA, R. C. M.; HAUBER, G.; PAULA, J. E. de. **Análise de conteúdo.** In: MAIA, R. C. M. (Org.) Métodos de pesquisa em comunicação política. Salvador: EDUFBA, 2022.

NEUENDORF, K. A. *The content analysis guidebook.* Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2017.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papius, 1994.

RICOEUR, P. **A memória, a história, e o esquecimento.** Campinas: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, E. G. B. **Narrativas do progresso e do sacrifício: intersecções entre cristianismo e neoliberalismo na comunicação de lideranças religiosas brasileiras.** Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

VALE. **Relato Integrado de 2023.** Disponível em: <https://encurtador.com.br/s7vtC>. Acesso em 3 de jun. 2024.

Ives Teixeira Souza

Doutorando, mestre e bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e em Relações Públicas, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Temporona: Coletivo de Ações em Temporalidades e Narrativas e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil).

Laura Nayara Pimenta

Professora adjunta do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, onde é vice-líder do Baleia - Laboratório de Estudos em Comunicação, Organizações e Narrativas do Capitalismo. Doutora e mestre em Comunicação e Sociabilidade pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Viviane da Silva

Mestre em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea e bacharel em Relações Públicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tecnóloga em Design Gráfico pela Universidade Paulista.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional